

# Clonagem

John Frame

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

Clonar é implantar num óvulo humano o material genético tirado inteiramente de uma única pessoa, produzindo uma réplica genética dessa pessoa. Isso é diferente da reprodução normal, na qual o material genético de duas pessoas, pai e mãe, é combinado numa terceira, seu filho.

Um clone, embora uma réplica *genética*, não é uma cópia exata do seu pai, como no filme “Eu, Minha Mulher e Minhas Cópias” de Michael Keaton. Embora o material das duas pessoas seja idêntico, o clone será muito mais jovem, e crescerá inevitavelmente num ambiente diferente daquele do pai. Gêmeos idênticos, que também compartilham uma constituição genética comum, diferem um do outro significativamente, e sem dúvida uma criança clonada seria muito mais diferente do seu pai. Gêmeos idênticos freqüentemente têm suas similaridades reforçadas por crescerem na mesma casa, recebendo a mesma educação, sendo sujeitos a influências similares. Uma criança clonada não teria nem de perto esse nível de semelhança ambiental com seu pai.

Parece quase inevitável que no futuro próximo alguém terá sucesso em clonar um ser humano. Na verdade, isso já pode ter sido realizado. A técnica está disponível, tendo funcionado com a ovelha Dolly e muitos outros animais. Assim, as ligações éticas fluem abundante e rapidamente. Esse é um assunto para praticar as nossas habilidades em reflexão ética, pois existe uma grande necessidade em distinguir entre raciocínio sério e falatório histórico.

Existem algumas boas razões para os cristãos se oporem à clonagem de humanos atualmente:

1. Pesquisas com clonagem de humanos requereriam a destruição de muitos óvulos e embriões fertilizados. Dada a premissa pró-vida de que os óvulos fertilizados são pessoas, com o direito à vida concedido no sexto mandamento, tais pesquisas envolveriam assassinato, e os cristãos não deveriam aceitá-las.
2. Hoje em dia, o processo de clonagem realizado em animais produz um alto risco de clones nascerem com defeitos e outros sérios

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em janeiro/2007.

problemas de saúde. É errado conceber um ser humano de uma forma que assegure quase com certeza a ocorrência de tais problemas.

3. É difícil imaginar um bom motivo para criar um clone de si mesmo, ao invés de reproduzir normalmente ou usar outros meios artificiais de concepção (inseminação artificial, fertilização *in vitro*, mãe de aluguel, etc.). Alguns podem, através disso, desejar secretamente alcançar algum tipo de imortalidade, mas sem dúvida é tolice e engano. Outros podem desejar ver alguém vivendo que tenha a sua mesma personalidade, talentos e virtudes. Mas talentos e virtudes podem ter tanto a ver com ambiente, treinamento, etc. como com genética. As mesmas questões surgem com respeito à tentativa de alguém fazer uma cópia genética perfeita de outra pessoa, digamos, um cônjuge, ou alguém que eles admirem, a partir do material genético que foi congelado ou de outra forma preservado.

Eu posso, contudo, imaginar um bom motivo: Um casal não pode ter filhos biológicos, pois um dos cônjuges é incuravelmente infértil. Mas eles desejam ter uma criança que continue a herança genética de *um* deles, sem envolver uma terceira parte (inseminação artificial com um doador, mãe de aluguel). Certamente o desejo de continuara a herança genética de alguém não é uma coisa má, e o desejo de manter uma terceira parte fora da vida reprodutiva do casal (embora uma questão eticamente difícil) é certamente um desejo piedoso.

Assim, surge a questão: se as pesquisas na área de clonagem alcançarem um ponto de sucesso, em que a reprodução clonal não for mais arriscada do que uma reprodução natural, os cristãos deveriam aprová-la (considerando-se a motivação piedosa descrita acima)?

Aqui a histeria irrompe: A clonagem não é brincar de Deus? Considere alguns argumentos contra a clonagem, mesmo no cenário ideal mencionado acima:

1. “Deus limitou o direito de governarmos a reprodução humana”. Bem, sem dúvida Deus governa todas as coisas. Mas o que ele disse que proíbe a clonagem?
2. “A clonagem é um processo não-natural”. Sim, numa forma, mas assim acontece com o controle de natalidade. Assim também com a cura com antibióticos. E com a cirurgia também. Mas Deus não nos chamou para deixar a natureza como ela está, mas para dominarmos a natureza para sua glória (Gn. 1:28 ss). Veja as discussões no meu curso de ética sobre as “leis naturais”. Talvez seja relevante

mencionar também que algo como a clonagem ocorre na natureza: quando um óvulo fertilizado se divide em dois, criando dois gêmeos geneticamente idênticos.

3. “Clonagem é *criar*, enquanto a reprodução natural é *produzir*. Criar é prerrogativa de Deus; produzir é nossa”. No meu entendimento, a Escritura não faz nenhuma distinção moral nessas linhas. Sem dúvida, temos poderes criativos que são parte da imagem divina com a qual fomos criados. Não somos, é claro, criadores no sentido de fazer o primeiro material genético. Deus o fez em Gn. 2:7. Mas não é claro a partir da Escritura que deveríamos nos abster de usar os poderes criativos que temos, que ele nos deu. Note o paralelo entre Gn. 1:27, 5:2, e 5:3.
4. “Uma criança clonada recebe uma identidade que ela não escolheu livremente para si” (veja minha resenha do livro de Bouma, et al., *Christian Faith, Health, and Medical Practice*, que apresenta esse argumento). Mas nenhum de nós escolhe livremente sua identidade. Todos devemos receber as nossas marcas genéticas. O argumento pode procurar estabelecer o ponto que a criança clonada de um pianista pode ser forçada a se tornar um pianista contra a sua vontade. Mas isso não é de forma alguma uma consequência necessária da clonagem, e os pais de crianças normalmente concebidas freqüentemente impõem pressões similares.
5. “Mesmo quando realizada com os melhores motivos, alguém que executa um processo de clonagem está usando uma técnica que foi aperfeiçoada à custa de muita vida humana, com a destruição de embriões humanos”. Esse argumento nos faz parar um pouco, mas não penso que o mesmo seja determinativo. Sem dúvida, a história das armas progrediu à custa de muita destruição injusta de vidas humanas. Mas é errado, portanto, usarmos essa tecnologia para entrar numa guerra *justa*, ou caçar cervos? Não podemos avaliar uma ação meramente sobre a base da história de ações similares. Fazê-lo é engajar na falácia genética. Algo que uma vez foi feito com um propósito e resultado pecaminoso, pode ser feito novamente com um propósito e resultado piedoso.

Assim, não estou convencido que haja qualquer princípio da Escritura que exclua a clonagem em todos os casos. A clonagem, no melhor caso, é “brincar de Deus” somente no sentido de que deveríamos sempre brincar de Deus: espelhar sua criatividade ao dominar o processo natural para a sua glória.